

COMUNICAÇÃO ORAL - GT 25 | PSICOLOGIA POLÍTICA E CONJUNTURA
POLÍTICA LATINO-AMERICANA NO SÉCULO XXI

**ESCRITOS INICIAIS SOBRE O MARASMO: PARALISIA EM MOVIMENTO,
ESVAZIAMENTO DO DESASSOSSEGO E ROTAS DE DESVIO**

Bárbara Rocha De Araújo (fowllin@hotmail.com)

Para melhor entender isso que é aqui chamado de “marasmo”, basta recorrer às narrativas do sujeito impotente frente ao destino. Não importa o quanto a vilã tente afastar a mocinha do príncipe: eles estão destinados a ficar juntos; a pedra volta ao seu ponto original embora você repetidamente continue se esforçando para a deslocar; o pai, ao ouvir horrível profecia, pede a morte do próprio filho para então se deparar com a inutilidade de poder mudar seu destino. A realidade parece fora do alcance do sujeito, e, enquanto não se faz verificar a fragilidade dessa crença inabalável na invulnerabilidade do opressor, sobrevive-se. Esse marasmo é o constante modo de espera e contínua sensação de se estar esmagado a partir da crença de que mudar a realidade é irrealizável.

Nesse sentido, o anseio é de investigar o marasmo e suas possíveis motivações, trazer a dimensão do fazer-se refém e espectador da própria realidade, tratar da potencialidade existente em não enterrar a memória e encarar o presente enquanto tomada de consciência (política) e, nesse percurso, pensar rupturas. A pesquisa terá enfoque qualitativo e a metodologia adotada é a articulação entre preceitos de Psicologia Social e Política (Freire, Baró, Adorno, Ansara, enfim) e obras literárias. Para tanto, a coleta será realizada através da Pesquisa Bibliográfica.

Os encontros com os empecilhos impostos socialmente se configuram impasses com o objetivo, e o sujeito distribui culpas. Tão mais as pessoas se percebem impotentes em relação ao contexto, mais essa impotência adquire contornos subjetivos — o que pode explicar um anseio por uma intervenção vinda de fora. Ao culpar a si e aos outros, o objetivo (condições existentes) permanece intocado. Freire (1983) pontua que crer em uma realidade tão esmagadora que se produz independente de indivíduos é tão ingênuo quanto acreditar em indivíduos que não sofrem qualquer atravessamento social. A exigência de uma transformação objetiva da realidade deve considerar o papel das subjetividades na luta. Posto isso, o que se faz questionar aqui é a massificação de uma atitude de aparente apatia generalizada frente ao contexto que se caracteriza como espera paciente pelo desaparecimento da opressão, ou pela crescente ânsia por uma intervenção do outro (herói ou mito). Desde que as pessoas sejam suficientemente esmagadas e marginalizadas, as portas esmurradas são as que garantem a sobrevivência. Desde que se sintam suficientemente seguras, sentem também a indiferença. Nessas várias formas de sobrevivência, a vida é negada.

Nesse projeto que engatinha, dois aspectos são ressaltados: os ecos do passado e a mediação do sofrimento humano. Nosso contexto, embora marcado por um marasmo generalizado, é também momento de intensa efervescência. Temos de ser sacudidos constantemente, e essa demanda é atendida. Ao passo que o passado repercute sob forma de repetição, é banalizado, (re)narrado, falseado. Recuperar a memória implica em atentar-se aos atravessamentos, opressões e injustiças vividos outrora e agora. Resistir e atuar na realidade são centrais à tomada de consciência política, que exige inserção crítica na realidade e história e um reconhecer-se enquanto produtor e reproduzidor de realidade.